

# nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

UMHA COLABORAÇÃO ENTRE  
A IRMANDADE DA COSTA E  
ARDORA (S)EDIÇÕES ANARQUISTAS



N10 · JANEIRO 2019

CRÓNICA DA XIX MARCHA  
A TEIXEIRO

JUSTIÇA PATRIARCAL E  
POLÍTICA PATRIARCAL

FAGAMOS DA CONTENÇÃO  
MECÂNICA ALGO DO  
PASSADO

# CRÓNICA DA XIX MARCHA A TEIXEIRO

**T**ranscurriu case um ano desde a última marcha à prisom de Teixeira; outro ano cheio de diversas torturas às pessoas presas por parte das carcereiras (isolamento, dispersom, malheiras, desatenção/negligência médica, contenções físicas, regime F.I.E.S., medicação forzosa, chantagens, humilhação a familiares, criminalização da solidariedade a pessoas presas...). Por isto voltaram-se a organizar marchas a diferentes prisoms do Estado, realizando-se a de Teixeira o passado sábado 12 de janeiro.

A marcha transcurriu sem problemas, quedando grupos de carros em diferentes cidades para reunir-se às 11:00 na gasolinera de anos anteriores (na N-634 km 663). Surpreendentemente este ano nom houve controlo da guarda civil com os seus correspondentes cacheos e identificações,

mas sim se movilizaram até a gasolinera, polo que algumas companheiras tiveram que ficar vigiando os veículos para que o voltar nom apareceram as rodas reventadas coma há anos.

Sobre as 11:30 começou a marcha de algo mais de cem pessoas, mais que nos últimos anos, despregando duas pancartas e cortando um carril da estrada, com o fim de chegar durante o tempo de pátio das presas. Tanto durante o trajecto como durante a concentração frente os módulos de presos escutavam-se clássicas consignas tais como: «abaixo os muros das prisoms», «nom som trabalhadores, que som torturadores», «nom estamos todas, faltam as presas», «nem F.I.E.S., nem dispersom, nem enfermos na prisom», «a dispersom também é tortura», «até aqui chega o cheiro das torturas em Teixeira», entre e outras, amplificadas por um megafone e apoiadas polo som de várias pandeiretas. Durante o tempo que se estivo frente aos módulos também escutaram-se alguns foguetes na distância, como em anos anteriores.

Trás a marcha, umha maioria da gente dirigiu-se a Santiago para acudir à concentração em apoio a presas às 18:00. Dita concentração estava programada na praça do Toural, mas devido à forte presencia policial e para evitar umha encerrona e identificações como outras vezes, decidiu-se começar na praça de Mazarelos. Desde ali ao redor de 60 pessoas marcharom para a praça do pam e percorrerom várias ruas gritando consignas similares às

de por a manhã, até finalizar na praça do Toural, agora sem presença policial, onde se informou sobre a passada greve de fome de presas em luta do passado 10 ao 25 de dezembro, lendo todas as reivindicações das mesmas. Também informou-se sobre a situação do preso Pedro Escudero, que sofreu várias malheiras e torturas em mãos de carcereiros. A manifestação transcorreu sem incidentes, não apareceu polícia alguma e repartiu-se com total liberdade várias octavilhas à gente informando sobre a luta anticarcerária.

Pra finalizar, a gente reuniu-se no CSOA O Aturuxo das Mariás para ceiar e disfrutar dumha timba poética na que se leram alguns poemas escritos por pessoas presas.

### ADIADO O JUÍZO DE PEDRO ESCUDERO GALLARDO

Há uns dias, o dia 10 de janeiro, também tivo lugar umha concentração em frente dos julgados da corunha para apoiar a Pedro Escudero Gallardo. Ao redor de 20 pessoas juntaram-se às 11:30 para dar fôlegos a Pedro. Finalmente o juízo adiou-se para o dia 8 de fevereiro às 11:30h devindo a

que a advogada de Pedro não apareceu. Já é a segunda vez que se adia o juízo pelo mesmo motivo. Estaremos atentos a mais convocatórias.

### MORRE LUIS MIGUEL MINGORANCE CORRAL

Faleceu o passado mês de dezembro no cárcere de Zueira, Zaragoza, a causa dumha metástase pulmonar. Luis Miguel entrou por primeira vez no cárcere no ano 83, desde entom pagou trinta e tres anos de prisom, passando mais de dez em FIES-1 e em isolamento. Tinha prevista a liberdade no ano 2020. Durante a sua estância na prisom participou do Colectivo de Presos Sociales Anarquistas (COLAPSO) e de numerosas lutas coletivas, como a campanha cárcere=tortura.

*O juízo a Pedro Escudero Gallardo adiou-se para o dia 8 de fevereiro às 11:30h.*



# JUSTIÇA PATRIARCAL E POLÍTICA PATRIARCAL

TRADUÇÃO DO JORNAL TODO POR HACER

**O** 2019 começou tam estupendamente como rematou o 2018, ano que finalizou com o assassinato de Laura Luelmo e saldou-se com um total de 47 vítimas. No que vai de janeiro, um homem matou a puñaladas a sua parelha em Laredo, dous homens violaram a umha menor em Burriana e a Audiência Provincial de Navarra resolveu deixar em liberdade provisória aos violadores da Manada, à espera de que se resolva o recurso de casação contra a sua sentença condenatoria.

Respeito desta última questom, nom vimos a fazer umha apologia do cárcere, e muito menos da prisom preventiva. Como abolicionistas da pri-

som que somos, pensamos que a privação de liberdade nom é umha decisom justa e recelamos da deriva punitivista que adotou parte do movimento feminista (com todo é compreensível em muitas occasions, nom o vamos negar), pois o cárcere precisamente aprofunda no sistema patriarcal (é racista, clasista e desigual, pois assim é a nossa Justiça) que queremos combater.

No entanto, é inevitável nom levar-se as maos ante o evidente agravio comparativo que existe na Justiça espanhola à hora de aplicar a extraordinária medida de prisom preventiva. Os moços de Altsasu levam mais de 800 dias em prisom provisória por umha peleja de bar, os Jor-dis levam um ano e três me-

ses em prisom por organizar manifestaçons independentistas, milhares de presos sociais encontram-se em preventiva por carecer de arraigo social, mas um grupo de energúmenos violadores condenados a nove anos de prisom nom som perigosos? Por que existe esta diferença?

Evidentemente, a justiça institucional nom é capaz de desassociar-se do sistema patriarcal que domina a vida das mulheres. Todos os operadores jurídicos criaram-se numha cultura da violação, que entende o desejo como património da masculinidade, baseada no sometimiento das mulheres (que podem «consentir», mas nom «desejar»); e esta cultura pré-configura a sua opiniom. E isto, singela-

mente, é o que leva a que nem os acusados nem os seus juízes sejam capazes de reconhecer nos factos umha violaçom, a que os delitos sexuais sejam os únicos nos que se avaliem as reaçons da vítima em vez das dos agressores e a que nom se tenha em consideraçon à hora de valorizar o que é ou nom é intimidaçon ou violênciam a opressom de género que nos atravessa às mulheres, entre outras muitas coisas. Porque mentres siga pensando-se que os violadores som psicópatas, doentes ou «malas pessoas» em vez de reconhecer que as violênciam machistas nom som coisa de «o outro», o machista de manual, senom que som exercidas em maior ou menor medida por todos os homens, nenhum membro das manadas nem nenhum juiz sentirá a necessidade de revisar os seus atos e as suas relaçons.

*«A violênciam machista, ao ser posta entre reixas, apresenta-se como umha excepcionalidade individual, separánda de práticas sociais e violên-*

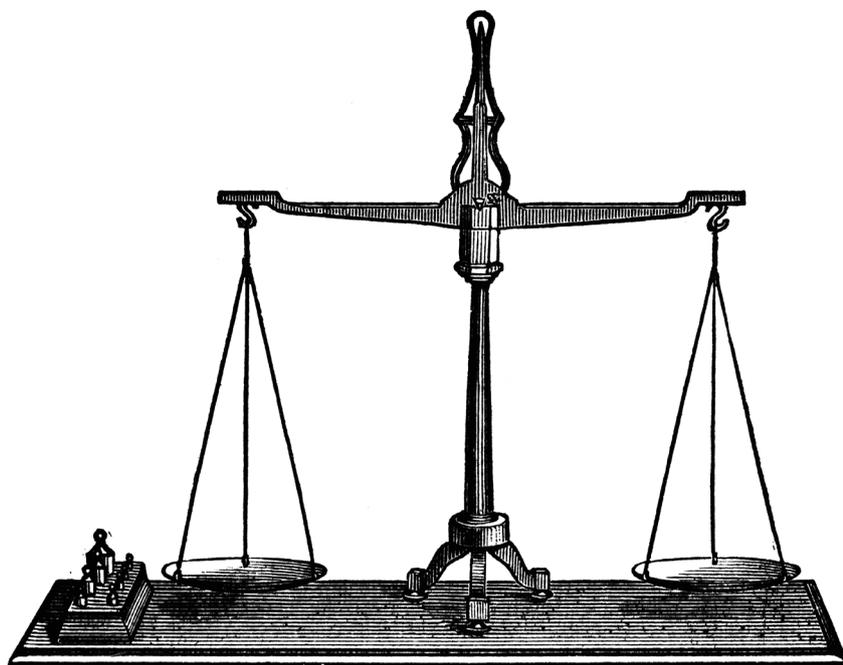
*cias quotidianas e convencionais que a possibilitam, invisibilizando o carácter histórico da sociedade patriarcal e da atual estrutura social de relaçons de poder»*

*(Coletivo de Apoio a Mulheres Presas em Aragom, CAMPA).*

Em frente à violênciam machista que sofremos cotidianamente, nom só em Laredo e Burriana, partidos como Vox proponhem erradicar as leis de igualdade e contra a violênciam de género, que consideram que fomentam o «genocídio contra os homens» e que foram aprovadas por «feminazis psicópatas de género» e «feministas radicais transgênicas» (sic).

Muitas pessoas nom duvidarom em tachar ao partido de Abascal como cúmplice dos assassinatos machistas, como o de Laura Luelmo. E umha delas, o jornalista Antonio Maestre, recebeu umha querrelha de Vox por um delito de calunias. Acabará o querrelhado entre reixas antes que os membros da Manada?

*A violênciam machista apresenta-se como umha excepcionalidade individual, separánda de práticas sociais e violênciam quotidianas e convencionais que a possibilitam, invisibilizando o carácter histórico da sociedade patriarcal e da atual estrutura social de relaçons de poder*



# FAGAMOS DA CONTENÇOM MECÁNICA ALGO DO PASSADO

**C**om este lema o coletivo ativista em saúde mental, Locomún, começou desde há um tempo com a campanha «0 Contençons», reivindicando a proibição da contenção mecânica e o cese da impunidade nos casos no que esta prática deixe danos.

A contenção mecânica é umha prática comum das unidades de psiquiatria no estado espanhol e noutros países que consiste em atar a umha pessoa a umha cama com correas, sujeitando cintura, munhecas e nozelhos, para impedir o movimento. A pessoa normalmente passa horas ou inclusive dias atada a cama em função da opinião do pessoal sanitário. Segundo explicam na página web 0contenciones.org, a contenção no estado espanhol pratica-se de forma

opaca e não controlada, sendo impossível acceder a registros onde expliquem quem foi atado, por quem, por qué, durante quanto tempo nem cómo. E no caso de que a contenção deixe sequelas graves ou mortais, normalmente queda impune.

A través da web [www.0contenciones.org](http://www.0contenciones.org) podemos atopar informação e todo tipo de materiais para ajudar a apoiar e difundir a campanha. Na Corunha leva-se denunciando este tipo de práticas desde há algum tempo da mão do movimento galego da saúde mental. Traduzimos a seguir um dos testemunhos publicados na web 0contenciones.

## A MINHA PRIMEIRA CONTENÇOM MECÁNICA

Eu cheguei ao hospital por traslado desde outro hospital. Recalco que chegava

tranquila. Não estava agitada nem me estava a resistir ao rendimento.

Falei com o psiquiatra de guarda e puxerom-me umha espécie de camisa que me mantinha os braços colados ao corpo. Levarom-me à minha habitação, dixerom-me que me tumbara na cama e começaram a pôr-me as correeiras. Eu estava já assustadíssima. Fui pensando que não me fariam nada se ia tranquila e colaborava, mas agora me estavam a atar a umha cama e não entendia nada. Para calmar-me, dixerom-me que esse era o protocolo para os ingressos. Vamos, que segundo chegas te atam à cama para meter-te medo.

Dixerom-me que estivesse tranquila, que passariam cada pouco tempo para ver que tal estava e que à hora da ceia soltariam-me se me portava

bem. Pois cheguei sobre as cinco, o jantar é às oito e só passaram umha vez. Deixaram-me soa na habitaçom e atada à cama. Eu nom entendia nada e tive ataques de ansiedade porque nom podia mover-me e isso pressionava-me muito. Além disso, estava moi incómoda e começavam-me a doer as costas.

Quando foram a olhar que tal estava, eu estava no meio dum ataque de ansiedade. Quixerom-me dar umha pastilha mas neguei-me a tomar-ma porque nom me fiava e nom me diziam o que era. Total, que me puxerom umha injeçom com algo que suponho que seria um tranquilizante. Acho que me dormim e a partir daí lembrança pouca.

Acordei-me esgotada, nom sei quanto tempo depois. Nom lembrava que estava atada, de modo que tentei erguer-me. Ao ver que nom podia, agobiei-me muitíssimo e tentei soltar-me até me fazer marcas. Doía-me todo o corpo. Quase nom podia nem respirar da ansiedade que tinha e

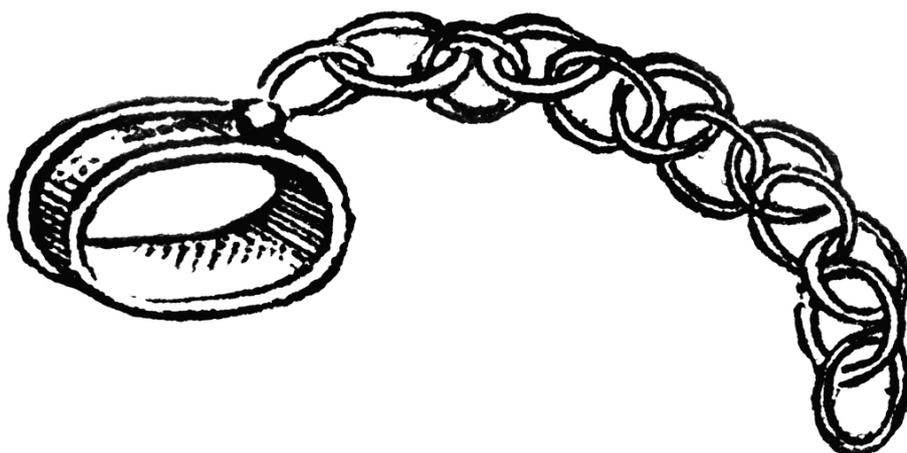
comecei a pensar que me ia morrer ali. Entre que estava atada, que nom lembrava coisas e que me pincharom algo raro e que nom ia ninguém, comecei a pensar que me tinham sequestrado.

Parece umha barbaridade, mas eu que sei, pensei-no.

Nom sei quanto tempo passei assim até que vexo umha enfermeira e me di que só me soltaria se me portava bem. E que voltaria a atar-me se me portava mal. Eu juro que nom entendia nada, eu pensava que me portara bem. Nom entendia por que me atarom, ainda que me digerom que era o protocolo, porque a mim parecia-me um castigo.

Total, que me soltarom e nom me saía levantar-me. Nom podia, doía-me todo o corpo, os tornozelos, munhecas, rims... Levantei-me tremendo quando o conseguim e me levarom-me a umha sala com outros pacientes. Essa mesma noite, atarom-me para durmir e tive que durmir atada, porque supostamente era o protocolo.

*A través da web  
www.0contencio-  
nes.org podemos  
atopar infor-  
maçom e todo  
tipo de materiais  
para ajudar a  
apoiar e difundir  
a campanha.*



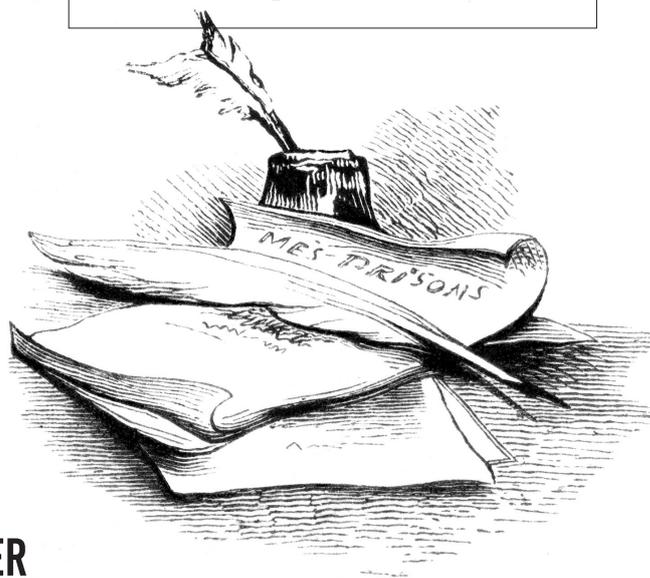
## A COMPANHEIRA ANARQUISTA LISA É TRASLADADA A MADRID

A través do blogue Solidaritat Rebel, onde há informação atualizada sobre a companheira presa, comunicam que Lisa foi trasladada desde Alemanha até Madrid o passado 21 de dezembro.

Atopa-se na prisom de Soto del Real. Polo momento tem a comunicação intervida e esta em isolamento. Mas animam a escrever-lhe cartas. Recordamos que Lisa leva presa desde abril do 2016, quando a detenhem em barcelona numha operação dos mossos de esquadra. Desde entom foi trasladada e ficou presa em Alemanha. Lisa foi acusada de participar numha expropriação bancária no ano 2014 na cidade de Aachem(Alemanha) e finalmente sentenciada a 7 anos de cadeia.

*Para escrever-lhe:*

*Lisa Dorfer, Módulo 15  
Centro Penitenciario Madrid V,  
Carretera M609 km.3,5,  
28791, Soto del Real,  
Madrid, Espanha*



## MORREU O HISTORIADOR OSVALDO BAYER

O passado 24 e dezembro morreu o historiador, escritor e jornalista anarquista argentino Osvaldo Bayer. Pessoa moi reconhecida polo seu trabalho documentando o que se denominou a «Patagonia rebelde», sucesos acontecidos no ano 1921 no sur do continente americano. O trabalho, editado em vários tomos, relata os sucesos derivados dumha greve de peons na zona da Patagonia que foi duramente reprimida, chegando a democracia argentina a fusilar a 1500 pessoas. Polo seu ativismo, foi ameaçado e perseguido e tivo que ir ao exilio vários anos.

De entre os moitos ensaios que realizou, ademais da «Patagonia rebelde», destacamos «Os anarquistas expropriadores» e «Severino Di

Giovanni, o idealista da violência». O primeiro relata as experiências de vários grupos anarquistas nos anos vinte e trinta na zona de *Rio de La Plata*, a través de atracos financiavam loitas, imprimiam propaganda e conseguiam fondos para fines solidários. O segundo é umha biografia do anarquista Severino Di Giovanni, um dos moitos emigrantes italianos exiliados pola situação que se vivia em Itália nos anos vinte. Di Giovanni foi umha das figuras más relevantes do anarquismo individualista. Impulsor do jornal *Culmine*, entre outras publicações, adicou a sua vida a açom revolucionária até que o fusilaram o 1 de fevereiro do ano 1931.

**Ardora**  
(s)editions anarquistas

EDITORA ANARQUISTA  
ARDORAEDITORIA.INFO · ARDORA@BASTARDI.NET

**Irmandade da Costa**

XORNAL DIXITAL  
AIRMANDADEDACOSTA.INFO · AIRMANDADEDACOSTA@RISEUP.NET